



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

POLYANNA SOARES DOS SANTOS

MULHERES NOS ANOS DOURADOS

GUARABIRA – PB
2016

POLYANNA SOARES DOS SANTOS

MULHERES NOS ANOS DOURADOS

Relatório de Estágio apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, para obtenção do Grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariângela Nunes Vasconcelos

GUARABIRA – PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237m Santos, Polyanna Soares dos
Mulheres nos Anos Dourados. [manuscrito] / Polyanna Soares
dos Santos. - 2016.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Mariângela Nunes Vasconcelos,
Departamento de História".

1. Escola. 2. História das mulheres. 3. Estágio. I. Título.
21. ed. CDD 305.4


POLYANNA SOARES DOS SANTOS


MULHERES NOS ANOS DOURADOS

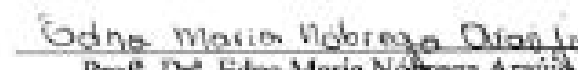
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em História. Orientadora: Prof.^a Mariangela de Vasconcelos Nunes.

Aprovado em, 13 / 05 / 2016

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Mariangela de Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora


Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nobrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Dedico este trabalho as pessoas que acreditaram em mim e contribuíram para minha formação acadêmica, meus pais, Alzira e Francisco. Ao meu namorado Jailton, pelo companheirismo durante essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus, por ser essencial em minha vida, meu melhor amigo, que me deu forças para concluir este trabalho.

Agradeço à minha família. À minha mãe, Alzira, pelo apoio incondicional em todos os momentos. Ao meu pai, Francisco, pela compreensão e incentivo ao longo de minha trajetória. Aos meus irmãos, Rodrigo e Rafael. A minha sobrinha, Helena, filha de coração.

Ao meu namorado Jailton, pelo apoio concebido, compreensão, dedicação, carinho e amor.

Aos colegas de sala que compartilharam momentos únicos ao meu lado durante essa longa jornada. Em especial a Aline Macedo, Francielly Morgana, Leyson e Daniela.

A todos os professores que passaram pela minha vida escolar contribuindo assim para minha formação acadêmica.

À professora Mariângela Nunes Vasconcelos, que não mediu esforços em ajudar na realização deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso consiste no relato de uma experiência vivenciada na disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório I, realizada na Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho localizada, em Guarabira, em 2013. E buscou mostrar o papel das mulheres nos anos de 1950, marcado pelo patriarcalismo presente na sociedade brasileira, estabeleceu-se ainda algumas comparações com as práticas das mulheres nos dias atuais. O objetivo era mostrar discussões historiográficas mais recentes; e ao mesmo tempo promover maior contato entre a escola e os alunos estagiários. Para a realização deste trabalho foram relevantes alguns textos entre os quais o de Carla Bassanezi, (20...).

Palavras-chave: Escola, História das mulheres, Estágio.

ABSTRACT

This course conclusion work consists in reporting the experience of the discipline Mandatory Supervised Internship I held in Elementary School and Middle Professor José Carvalho Soares located in Guarabira, in 2013. And he sought to show the role of women in years 1950 marked by this patriarchy in Brazilian society, also set up some comparisons with the practices of women today. The goal was to show latest historiographical discussion; while promoting greater long between school and student interns. For this work were relevant some texts including the Carla Bassanezi (20 ...).

Keywords: School, History of women, Stage.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES.....	09
3. A HISTÓRIA DAS MULHERES NA ESCOLA.....	11
4. UM RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA DA OFICINA: MULHERES NOS ANOS DOURADOS.....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo relatar uma oficina elaborada e apresentada, na Escola estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho localizada, em Guarabira.

Tal oficina era um requisito para o cumprimento da disciplina Estágio Supervisionado I e estava vinculada ao projeto de extensão “Oficina na escola: Aprender e Vivenciar a História: Desenvolvimento Projetos e Aprendizagem no Âmbito do Estágio Supervisionado”. Na época coordenada por professoras do curso de História do CH.

A oficina ocorreu em 20 de Novembro de 2013, e voltou se para alunos de uma turma do 3º ano “B” do Ensino Médio. A equipe de oficinairos era composta por 06 alunos estagiários que falaram sobre diversas questões relacionadas à História das Mulheres nos anos de 1950 no Brasil.

De um modo geral, a oficina, desenvolvida durante o estágio, visava introduzir discussões mais recentes, na escola, pautadas em um currículo mais plural. E ao mesmo tempo buscava promover um maior contato entre os estagiários com a escola e com a sala de aula, para que eles conhecessem um pouco do trabalho docente e do comportamento dos alunos.

2. UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES

As mulheres conquistaram o direito de desfrutarem a sua história escrita no século XX. O caminho até sua legitimação, embora não tenha sido fácil, parece irreversível. Olhar para trás só valoriza a conquista: no século XVIII, pensadores discutiam se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se aproximavam mais dos animais irracionais. (PERROT, 2004)

Assim, as mulheres esperaram até o final do século XIX para verem reconhecidos seus direitos. Hoje a “história das mulheres” tem um campo de pesquisa consolidado em universidades do mundo todo (apesar de que em cada país ocorram níveis de desenvolvimentos diferenciados e aceitação do campo). Para Michelle Perrot, a “História da mulher” precisa sair das universidades e também ganhar a mídia (TVs e rádios), os ambientes de trabalho, entrar na elaboração de políticas públicas, nos encontros familiares, nas ruas entre outros espaços da sociedade, e, sobretudo nas escolas e nas aulas de história. Ainda, segundo a autora citada, estamos num tempo histórico em que o feminismo já não é o parente pobre da historiografia, (PERROT, 2004:9).

Os franceses saíram na frente, acostumados com a figura do "historiador público" (aquele que tem um compromisso social, que vai à mídia divulgar suas ideias e procura dialogar com um público), tiveram a ideia de levar a história das mulheres aos ouvintes de rádio. Isto ocorreu quando, Michelle Perrot publicou o conteúdo de suas pesquisas sobre a história das mulheres.

Compreende-se, cada vez mais, que a mulher não apenas tem história, mas também fez e continua fazendo história (a sua). De um lado, algumas conquistam a carreira profissional, o direito ao voto e a vida pública, a luta igualdade de direitos entre os sexos, deram margem aos estudos produzidos, a partir dos anos de 1960. Por outro lado, os movimentos feministas daquela década, que repercutiram em todo o mundo, ganharam maior repercussão que os movimentos estudantis de “Maio de 1968”.

A abertura dos campos de pesquisa produzidos nos anos de 1970 vieram também justificar ainda mais os estudos sobre a mulher. Esta frente de pesquisas estimulou o desenvolvimento dos estudos de gênero, considerando o caráter social, histórico e cultural das representações de feminino e masculino.

Para Michelle Perrot: “a irrupção de uma presença e de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro...”. Isto é as mulheres passaram no seu cotidiano, a opinarem, a falar mais do que no século anterior.

Durante muito tempo as mulheres, e a escrita de sua história, não tinham nenhuma importância para os pesquisadores do sexo masculino. Tanto nas fontes, quanto nas pesquisas, em geral o que se via era o silêncio, sobre elas e delas, que se prolongava ainda mais com a carência de documentos.

A expansão e o enriquecimento dos temas de investigação propostos pelos estudos de gênero foram acompanhados por aperfeiçoamentos das abordagens temáticas e metodológicas, enfoques e modos de análise, que além de questionar os modelos históricos tradicionais e arcaicos, vêm colocando novas questões, descobrindo novas fontes de pesquisas, enfim, contribuindo para redefinir e ampliar noções sobre os significados da história em relação ao feminino.

Cabe ressaltar que, enquanto a História Tradicional se preocupava fundamentalmente com a política (atividade ainda nesse tempo exclusiva dos homens), a Nova História, ligada à chamada *École des Annales*, começou a se interessar por vários aspectos da atividade humana, abandonando a preocupação exclusiva com o estudo de grandes homens, e passando a dedicar-se à “história dos de baixo”, ou seja, daqueles que até então não tinham história, abrindo o caminho para a posterior inclusão das mulheres nos estudos históricos.

Entretanto, a partir do século XX, vários estudos sobre a História das mulheres se notabilizaram, inclusive no Brasil, entre eles a produção de Carla Bassanezi.

3. A HISTÓRIA DAS MULHERES NA ESCOLA

É de fundamental importância que a escola trabalhe em seus currículos a trajetória das mulheres que construíram a história em todos os níveis, reconhecendo seus valores e as suas contribuições para a sociedade de um modo geral.

Existem diversos meios de se trabalhar e abordar a história das mulheres nas escolas, porém os “padrões” nos quais os educadores foram formados não estimularam a tratar este tema em seu dia a dia. A história das mulheres deveria ser trabalhada desde o ensino fundamental, pois a escola deveria também pensar os sujeitos ausentes do currículo, como negros, índios, GLBTTTS e mulheres entre outras. Possibilitando, assim a partir de discussões promover um aluno mais crítico, aberto e preparado para a convivência com a diversidade, com situações novas vivenciadas na contemporaneidade.

Assim é fundamental, incluir discussões acerca do tema, isto é a história das mulheres mostrando a figura feminina desde as primeiras e mais antigas civilizações até os dias atuais, em que homens e mulheres desempenhavam papéis diferentes na sociedade.

Por muitas décadas e até mesmo séculos, o papel da mulher foi muito generalizado: tomar conta da casa e dos filhos enquanto o marido saía para trabalhar fora, e este modelo foi se generalizando.

A figura da mulher, foi vista por muitos séculos como secundária, começou a ganhar maior força nos dias atuais. É claro que muitas são as heranças históricas de luta feminina que não podem ser deixadas para trás e é inclusive graças à elas que a mulher consegue garantir seu espaço em diversos setores da sociedade.

Aos poucos a mulher foi deixando de lado a figura de dona de casa para assumir diversos postos no mercado de trabalho e cargos importantíssimos em instituições.

Entretanto a história das mulheres ainda continua ausente nas escolas. De acordo com Bassanezi, a ausência de uma renovação temática no ensino básico está relacionada a falta de condições pedagógicas, ou seja, materiais de apoio para o professor, e também devido a falta de profissionais que abordem o tema. Vale acrescentar ainda a ausência de políticas públicas que forneçam cursos de formação continuada, aos professores das mais diversas áreas para tratar a diversidade de temas. Muitas vezes a maneira como o professor passa o conteúdo, acaba por não fazer sentido aos alunos.

Hoje em dia, após todas as transformações pelas quais passou a historiografia, o ensino de história escolar ainda concentra-se nos estudos de estrutura e nas percepções dos processos de mudança. Para a autora citada acima é difícil falar com crianças e jovens nestes termos, pois sua capacidade de abstração e experiência de vida ainda é pequena. Portanto, o ensino de história deve ser inspirado em pesquisas recentes, usando para isto um vocábulo acessível ao aluno.

O professor de história pode trabalhar o passado, comparando-o com o presente, tentando, assim, aproximar-se de questões que estão no dia a dia do aluno.

É importante ressaltar que deste modo, aproximamos a realidade do aluno do conteúdo, através de temas que dialoguem com o seu cotidiano, mas é também muito importante que o professor possa usar linguagens como músicas, filmes e imagens acionadas pelo aluno nos diversos espaços que ele frequente.

Dessa forma, talvez o ensino de história se livre da sucessão de nomes e datas (decorativas) a qual costuma ser vinculado e torne-se algo mais prazeroso para o aluno.

Neste momento, marcado pelas conquistas femininas e sua presença no âmbito público é relevante que a discussão sobre a história das mulheres seja amplamente realizada nas escolas.

4. UM RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA DA OFICINA: MULHERES NOS ANOS DOURADOS

No dia 20 de Novembro de 2013, realizamos a oficina, cujo título era: “Mulheres nos Anos Dourados”. As 07h30min da manhã a equipe se encontrou na direção da escola acompanhado pela professora da UEPB. Nos encaminhamos para a sala de aula onde ocorreu a oficina. O professor nos recebeu muito bem e fez questão de nos ceder suas aulas, imediatamente nos mandou entrar na sala e se retirou.

Ficamos um pouco tensos, pois para a maioria da equipe era o primeiro contato com alunos numa sala de aula. Demoramos um pouco para organizar os equipamentos necessários para a realização da nossa oficina. Depois de mais ou menos uns cinco minutos, lá estávamos, prestes a começar nossa discussão. Dividimos o conteúdo em vários subtemas, e cada membro da equipe ficou responsável por um tópico.

Inicialmente fizemos uma breve recapitulação dos momentos que antecederam aos anos cinquenta, quando relatamos o final da segunda Guerra Mundial (1939-1945), e ao mesmo tempo buscávamos captar o conhecimento prévio da turma.

Dissemos que este período conhecido como “anos dourados” trouxe para o Brasil de pós-guerra a ascensão da classe média. A possibilidade de informações, lazer e consumo tornou-se determinante para homens e mulheres, notadamente deste segmento.

A família dessa época tem como marca predominante a autoridade exclusiva do homem, isto é as distinções entre os papéis femininos e masculinos eram bem nítidas.

Nos anos 50, embora a mulher não tivesse mais a grande obrigação dos casamentos arranjados pelos pais, ainda assim, tinha o perfil de mulher destinada ao lar, ou seja, a casar, ter filhos, cuidar do marido. Cabia a ela a responsabilidade do sucesso no matrimônio, a felicidade conjugal dependia exclusivamente da mulher. De acordo com Bassanezi: casar era fundamental, e manter a harmonia conjugal estava acima das traições. O modelo de mulher considerado adequado devia importar-se menos com a infidelidade do marido.

Nesta compreensão, casamento, maternidade e dedicação ao lar faziam parte, da essência feminina. A mulher que seguisse caminhos diferentes não seria feliz.

Neste momento foram mostrados vários slides com algumas perguntas, com a intenção de desafiar a turma que participava atentamente. Depois foi explicada, a postura do homem e

como tinham que ser as mulheres ideais, definidas a partir dos papéis tradicionais da época. Eram costumes que favoreciam os homens e restringiam a sexualidade das mulheres e sua autonomia.

Foram usadas também imagens que representavam a postura das mulheres de classe média. Uma destas imagens mostrava a mulher com o bebe, satisfeita com a vida de dona do lar e dos filhos. Enquanto, as imagens sobre os homens os associavam ao trabalho, mostrado a figura de dois homens, certamente em uma reunião de negócios, o que reafirmava seus papéis de chefes da casa, aquele que trabalha e sustenta o lar, e também o ambiente e as roupas não deixavam dúvidas que tratava-se de homens de classe média.

Nas imagens, da época as mulheres apareciam no fogão, cozinhando para seu esposo e filhos. Algumas destas imagens revelavam figuras femininas vestidas de noivas, reafirmando seu caminho, que era o de se casar, ser dona do lar e mãe. Todas estas imagens tinham o propósito de educar as mulheres, para o casamento, o lar e a maternidade.

Estes textos, entre outros com os quais as mulheres dialogavam interferiram na construção de suas identidades, entretanto, esta era vista como um instinto, uma essência, fazendo parte da natureza da mulher que nascia para ser esposa, dona de casa e mãe.

O item seguinte discutido foi os lugares das Moças de Família e Moças Levianas nos anos 50 e uma breve discussão sobre o código de conduta. Neste momento, foi dito que moças de família eram as que se portavam “corretamente”, isto é as que tinham gestos contidos, preparavam-se adequadamente para o casamento e conservavam sua inocência sexual. Enquanto as moças levianas eram as que se permitiam ter intimidades físicas com homens. Eram aquelas com quem os rapazes namoravam, mas não queriam casar-se e representavam apenas aventuras na vida dos rapazes. Estas deveriam, inclusive, ser evitadas pelas boas moças descentes.

Desta forma, ressaltamos que nem todas as mulheres pensavam igualmente, nem agia de acordo com o esperado, isto é as regras impostas pela sociedade. Por isto varias pedagogias buscavam modela-las e educa-las, como a literatura.

As mulheres eram domesticadas não só através da censura social, mas também da literatura feminina, que era extremamente controlada e controladora. Pois, só eram permitidos para as moças “livros inofensivos” e edificantes á moral e aos bons costumes. Assim, a literatura era também usada para disciplinarizaras mulheres. Pois, era necessário preservar o modelo dominante da família, marcado pela diferença dos papéis de homens e mulheres.

Das mulheres solteiras dos anos 50, se exigiam virtudes, quase sempre relacionadas a virgindade e ao controle. Enquanto, os homens deveriam expressar virilidade, ter várias mulheres. Deste modo, eles iniciavam cedo a vida sexual. Já as mulheres que tivessem muitos namorados seriam consideradas levianas. Pois, elas deveriam ser contidas nos seus desejos e afetos.

A iniciativa, para namoro ou intimidades, nunca deveria partir da mulher, era sempre o homem quem iniciava a conquista. Embora, algumas mulheres, desobedeceram às regras impostas.

Levamos também trechos de textos de revistas e jornais da época. Pois, sabemos que revistas como “O Cruzeiro”, “Querida”, “Vida Doméstica” e jornais, a exemplo, do “Jornal das Moças”, tinham seções dedicadas a mulher. Em um dos seus editoriais a revista O Cruzeiro trazia imagens femininas e masculinas, elogiando o modelo da família branca, de classe média, com papéis definidos, regras de comportamentos e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude e trabalho feminino.

Tais publicações evidenciavam a diferença sexual da época. .A grande maioria dos artigos dava conselhos de bom comportamento feminino.

A experiência aconselha, em benefício da moça que quer conviver com rapazes, que, conquanto tenha confiança em si mesma, nunca tenha confiança em tal grau que a exponha a todas as provas. O amor é uma força às vezes cega – é preciso andar sempre de olhos abertos para não cair. [...] Encontrar-se com um desconhecido e sair com ele é arriscar muito. (O CRUZEIRO, 24 maio. 1958).

Ainda nos anos 50, recomendava-se para homens e mulheres posturas bastante diversas.

Nem sempre a popularidade é uma boa recomendação para a moça [...] nem sempre o rapaz se diverte com a moça de maneira recomendável para ela. Depende muito da moça a maneira como é tratada pelos rapazes. Se dá preferência a modas e modos provocantes, perde o direito de queixar-se se o rapaz quiser avançar o sinal. (O CRUZEIRO, 24 maio. 1958).

Para os homens, namoros, encontros e intimidades sem compromisso era apenas uma diversão, enquanto para as mulheres significava sua perdição. Elas ainda eram responsabilizadas pelas investidas dos rapazes, pois isto ocorria porque as moças os provocavam com suas roupas sensuais e seus modos poucos contidos.

O estímulo quem deu foi ela [...] chamar atenção dos rapazes [com gestos estudados e sensuais] é depreciativo para a moça. Os automóveis são um excelente meio de condução. Mas às vezes levam a moça longe demais. É preferível evita-los pelo menos em passeios fora da cidade ou em lugares desertos. (O CRUZEIRO, 24 maio. 1958).

Deste modo as revistas da época definiam e classificavam as moças quanto ao seu comportamento, elas eram: moças de família, as que se comportavam corretamente, de modo a não ficarem mal faladas e moças levianas. Estas se permitiam ter intimidades físicas com homens. Às primeiras, graças a sua moral seriam privilegiadas arranjando um casamento modelo e teria uma vida de rainha do lar. Enquanto as levianas não arranjariam um bom casamento. Esta era um espécie de punição para aquelas que desobedecessem as regras sociais.

Aqui também foram usadas imagens que retratavam o modo como as moças consideradas de família e as moças ditas levianas se vestiam, para que o alunado identificasse as diferenças existentes entre elas e o preconceito que recaía sobre estas última.

Assim, revistas, jornais e a “literatura adequada”, iam conduzindo as mulheres para o recatamento, a submissão, o lar e a maternidade.

Ainda foi discutida a moda dos anos 50, notadamente, das mulheres de classe média, como elas se vestiam, os comportamentos, quais eram os locais que frequentavam como era os relacionamentos e o papel da família.

Aqui foi enfatizado o renascimento da indústria de roupas e a grande procura por trajes elegantes. Havia um sentimento coletivo de satisfazer um desejo reprimido pela escassez da guerra, em todas as áreas. Viu-se Brigitte Bardot e Marilyn Monroe tornarem-se popular. Esta década foi, chamada de “Anos Dourados” por sua exuberância, sofisticação e luxo, quando a alta costura teve seus anos de esplendor.

Dior lança sua famosa coleção apelidada de “New Look”, que desencadeou todo o padrão estético dos anos 1950, marcado por saias e corpetes armados com barbatanas.

Ainda destacamos o papel da juventude norte-americana, e a difusão de seu estilo de vida. Cardigãs de malha, saias rodadas, a calça cigarrete. Sapatos baixos, meias soquete e rabo de cavalo definem o college. Os rapazes ousados adotaram a calça jeans com a barra virada e a camiseta de malha, principalmente de cor branca, topetes e costeletas. Essa rebeldia veio inspirada pelos ícones do cinema, como Marlon Brandon e James Dean, e do rock`n`roll de Elvis Presley.

Para falar sobre moda, usamos slides, para representar as mudanças ocorridas no vestuário da época.

Ainda falamos sobre a questão do trabalho feminino, como sabemos o processo de urbanização e industrialização conduziu ao aumento das oportunidades educacionais e profissionais para homens e mulheres, e novas oportunidades profissionais para estas. A partir daí, as distâncias entre eles diminuiram. Ademais, o processo de industrialização permitiu que homens e mulheres frequentassem o mesmo ambiente inclusive para trabalhar.

Entretanto, dissemos que houve preconceito em relação a esta nova postura assumida por algumas mulheres. Foi discutido o início dos primeiros movimentos feministas.

E por fim apresentamos frases de revistas da época que ditavam os comportamentos adequados e reafirmavam que as mulheres deveriam permanecer nos lares cuidando dos fazeres doméstico. Nesta compreensão, o lugar da mulher ainda era o lar.

Durante toda a explicação a turma se mostrou atenta e bastante participativa.

Depois da nossa apresentação, oportunizamos para que os alunos escolares tirassem suas dúvidas e comentassem sobre o tema. E em seguida aplicamos uma atividade, com a intenção de fazê-los compreender melhor nossas falas. Colocamos a música “Aí que saudade da Amélia”, composta por Mário Lago no ano de 1942 e interpretada por Ataulfo Alves enquanto entregávamos as atividades. Para a execução da atividade proposta pedimos que formassem grupos. A atividade tinha duas imagens, uma que ilustrava a mulher nos anos cinquenta e outra as mulheres na atualidade. Pedimos, então, que os alunos escolares fizessem uma comparação entre as duas imagens, identificando o tempo de cada uma delas e assim fizessem comentários.

Depois de uns dez minutos, solicitamos que uma pessoa de cada grupo apresentasse a opinião de seu grupo. Todos participaram e escreveram. Isso foi muito gratificante para todos nós naquele momento. Por fim, nos despedimos da turma e distribuímos umas lembranças como uma forma de demonstrar a nossa passagem por aquela turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina foi uma oportunidade de termos um contato direto com a escola na condição de estagiários e assim nos aproximamos da sala de aula, dos desafios, dos alunos e dos fazeres dos professores.

Participar da oficina, fez com que pudéssemos enxergar a realidade a que nos propomos enfrentar. Pois não há como querer ser professor (a) sem ter um contato com a prática.

A partir da aplicação da oficina, pudemos compreender o quanto o professor precisa estar atento numa sala de aula, bem preparado, seguro. E ser capaz de dialogar com questões que interessam os alunos. Hoje, não basta apenas encher a lousa com palavras, mas, é preciso ser criativo.

Foi observado, que o professor enfrenta um grave problema, o desestímulo por parte dos alunados. É muito importante que o profissional esteja atento ao seu próprio comportamento em sala de aula.

Um dos pontos positivos da oficina foi a oportunidade que tivemos de ter um contato com a sala de aula. Para aqueles que já ensinam, não é mais novidade, mas não deixa de representar um momento diferente. Já o aspecto que julgamos negativo foi o fato de não ter tido oportunidade de conhecer e observar melhor a escola. Algumas pessoas do grupo nem conheciam a escola. Fomos inseridos (as) numa sala de aula sem imaginar quanta responsabilidade íamos enfrentar naquele momento. Mas, o importante, é que conseguimos realizar com êxito a oficina que muito aprendizado nos trouxe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. p. 607– 639. São Paulo: Contexto, 2008.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. **História da moda no Brasil: das influências às auto referências**. São Paulo: Pyxis editorial, 2011.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LOPES, A. O. **Aula expositiva: superando o tradicional**. In: VEIGA, I. P. A. Técnicas de ensino: por que não? Campinas: Papirus, 1991.

PEDRO, Joana Maria e PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: contexto, 2012.

.

ANEXOS



Entrada Principal da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho.



Atividade realizada com os alunos ao final da oficina



Aluna fazendo uma análise da atividade.

Música reproduzida durante a aplicação da atividade:

Ai que Saudades da Amélia (Compositor: Mário Lago/ Ataulfo Alves)

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Não vê que eu sou um pobre rapaz

Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai meu Deus que saudade da Amélia
Aquilo sim que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
E quando me via contrariado dizia
Meu filho o que se há de fazer

Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia que era a mulher de verdade.